

FILHOS... MELHOR TÊ-LOS?

Edineide Silva*

A temática de adoção de crianças tem sido frequentemente abordada, seja em conversas familiares ou nas diversas mídias, através de novelas e jornais. Na teledramaturgia a temática aparece em personagens que na idade adulta manifestam o desejo de conhecer sua família de origem ou sobre dificuldades da família em abordar o tema escondendo-o até as “últimas” consequências. Diante de alguns noticiários, a adoção surge também como uma atitude altruísta, mas com certo ressabiamento devido às questões de sangue que podem determinar o comportamento da criança que será adotada.

Tempo atrás, a notícia da morte do Bispo Robson Cavalcanti e de sua esposa Miriam Cavalcanti deixou a muitos atônitos pela perda de pessoas significativas para a comunidade cristã e política locais. Tal fato também trouxe a história do filho do casal, Eduardo, o autor dos homicídios. Rapaz jovem, devastado pelo consumo de drogas. A mídia fez a associação imediata entre o fato de o rapaz ser adotado e, o crime cometido foi noticiado com a manchete: “Filho adotivo mata pais”.

Pessoas se rebelaram contra essa linha de raciocínio fácil e superficial de que filhos biológicos não cometem crime contra seus pais, não são agressivos, nem desrespeitosos, pois se assim o fossem, as manchetes estampariam: Filho biológico mata mãe ou Filho de sangue se volta contra seus pais. Tal perspectiva midiática nunca foi produzida, pelo menos na história do Brasil.

Espanta-nos encontrar acusações fáceis quando um filho adotivo mata seus pais e de imediato, a justificativa de que cuidar dos “filhos de outros” é sempre desastroso. Entretanto, crimes contra familiares, irmãos e pais não são ações contemporâneas do ser humano.

Encontraremos Caim contra seu irmão Abel, o parricídio nos Irmãos Karamázov e na atualidade, a mídia cotidiana, às vezes em programas sensacionalistas ou populescos, a exploração e exposição desta temática de forma mais corriqueira.

Estamos lidando com um vasto universo de representações sociais sobre família, infância, filiação e com estereótipos que constroem preconceitos difíceis de serem rompidos e modificados. Ao sabor das novidades ou tragédias do cotidiano, encontraremos no senso comum ou nos formadores de opinião, a assunção da adoção como uma atitude que traz um significado singular e positivo para aqueles que constroem sua família com crianças e adolescentes não advindos de sua linhagem biológica e, que nem por isso, lhes falta algo ou se torna uma filiação de segunda categoria. Os exemplos inesgotáveis traduzem a felicidade daqueles que encontram na construção da

maternidade e paternidade um caminho para oferecerem a uma criança, o que eles têm de melhor: a necessidade de dar amor a alguém e vislumbrar a possibilidade de oferecer as condições para que esse alguém se torne “decente”, um sujeito de valor. Não é isso que todos os pais e mães dizem querer para seus filhos?

O poeta diz: Filhos...filhos? Melhor não tê-los. Mas se não os temos, como sabê-lo? Comem botão, noites insone, “chupam gilete”, “tomam shampoo”, “quantas consultas”, “banho de mar: engolem água...” Filhos, melhor não tê-los! Eles nos tiram do centro dos nossos desejos mais egoístas, do nosso espelho, do tempo dedicado só a nós. Eles serão ingratos e nos abandonarão na velhice. É certo! Encontramos afirmações do quanto de loucura há naqueles que desejam ter filhos ou até mais de um, denunciando sem saber, o quanto se perde ao se ganhar filhos.

Mas, e a maciez dos cabelos deles? O cheiro de sua pele? “Que coisa louca que coisa linda que os filhos são!” Eles se parecem conosco, serão melhores que nós, com eles poderemos rivalizar, com eles seremos longevos, eternos. O que perdemos voltamos a ganhar? Ou será que durante todo o tempo tentamos não perder?

Questionar ter filhos é da condição humana, eles nos descentram, nos atingem no âmago do nosso narcisismo. O imperativo de amá-los também traz consigo o imperativo de odiá-los.

Questionar como lidaremos com nossos limites, como grandes crianças que sofrem ao dividir o brinquedo ou que o mundo continua a girar com ou sem a nossa presença, é uma tarefa humana extremamente dolorosa. Somos racionais, com desejos que não controlamos e que devemos abrir mão ou desviá-los causando menos danos a nós e aos outros.

Questionar ou priorizar ter filho adotivo ou biológico pode se apresentar como uma cortina de fumaça para o que está por trás: Queremos ter filhos? Suportaremos não ser mais o centro? Como eles lidarão com a questão dos limites da lei, da interdição? Qual a relação disto com o modo que lidamos com as interdições? Poderemos encontrar no amor dedicado a eles uma forma de nos reerguer? Eis a questão!

Edineide Silva (Psicanalista, Coordenadora do Núcleo de Adoção e Estudos da Família, 2ª Vara da Infância e Juventude do Recife)